



UNICAMP

EVENTO: Joe Goode Performance GroupVEÍCULO: FOLHA DE SÃO PAULODATA: 20 de abril de 1994PÁGINA: 5 - 12SEÇÃO: ILUSTRADA

DANÇA/ENTREVISTA

Joe Goode busca unir palavra e movimento

ANA FRANCISCA PONZIO

Especial para a Folha

O Joe Goode Performance Group vai trazer a São Paulo a dança que se faz hoje em San Francisco. Bem diferentes dos coreógrafos de Nova York, os artistas da costa oeste americana exploram temas mais densos e estão intimamente ligados ao teatro.

Com um elenco de seis bailarinos, o grupo de Joe Goode, 43, se apresenta de 2 a 5 de junho no Teatro Sérgio Cardoso, dentro da programação do 4.º Festival de Artes Cênicas.

Associando texto e movimento, as coreografias de Goode mostram bailarinas falando e dançando com igual habilidade. "Chamo minhas coreografias de 'danças humanas', porque quero mostrar as complexidades e fraquezas do ser humano", disse Goode em entrevista à *Folha*, por telefone.

Folha - Qual a importância do teatro no seu trabalho como coreógrafo?

Joe Goode - O teatro é muito importante para mim porque penso a dança como teatro. Acho que a dança é um instrumento para se fazer um bom teatro.

A dança, às vezes, pode revelar experiências interiores melhor do que as palavras. Meu objetivo é combinar as duas linguagens para obter uma terceira, às vezes melhor do que cada uma das duas.

Folha - Você foi ator no início da carreira. Por que resolveu se dedicar à dança?

Goode - Eu adoro dançar. O movimento me traz sensações de quando eu era criança. Quando faço teatro eu atuo como um bailarino. Sempre gostei da vibração físi-

ca, da sensualidade do movimento.

Então, me deu vontade de desenvolver uma forma de arte que contivesse essas sensações e qualidades mas que, ao mesmo tempo, não fosse uma dança ligada somente à beleza formal. Queria fazer danças vigorosas, que provocassem o intelecto, isto é, peças que envolvessem a mente e a emoção e não apenas o corpo.

Folha - Como você usa texto e voz em suas coreografias?

Goode - Não recorro ao texto esperando que ele se transforme numa sobreposição interessante. Eu realmente crio o texto dentro do movimento. Texto e movimento estão ligados desde o começo, nascem juntos.

Ao mesmo tempo, o texto é uma descoberta pessoal dos bailarinos. Eu os estimulo a dizer suas próprias palavras, que façam sentido para eles.

Ao longo da criação, vai havendo uma espécie de negociação entre todos nós.

Folha - Como você trabalha com a música?

Goode - Procuo descobrir um ponto de tensão com a música. Me interessa pelo conflito entre aquilo que se ouve e o que se vê. A música é uma textura que me fornece informações únicas, pois exerce uma força muito grande sobre a emoção.

Nunca penso na música como recurso para ilustrar uma situação. Tampouco como uma série de bits que devem ser demonstrados através da dança.

Uso a música às vezes para acentuar o que está acontecendo e outras vezes para justapor diferentes imagens às cenas.

Folha - Você deve ter influên-

cias de outras áreas, não apenas dança...

Goode - Minhas influências combinam várias coisas. Os dramaturgos modernos me influenciaram muito, como Samuel Beckett, Garcia Lorca.

Também gosto muito da poesia de Allen Ginsberg ou ainda dos textos de Gertrude Stein. São escritores que oferecem um enorme espaço para o leitor entrar com suas próprias imagens naquilo que escreveram. É isso que eu procuro fazer em dança.

Também tenho influências orientais, como a dança butô. Minhas influências são produto da cultura de massas.

Pertenço a uma família de classe média e cresci assistindo televisão. Obviamente, também fui influenciado pelas tolices da TV, por programas como "I Love Lucy".

Folha - Você acha que a dança produzida em San Francisco é diferente da dança de Nova York?

Goode - Sim. Em San Francisco somos mais políticos, mais preocupados com problemas sociais e espirituais. Em Nova York a dança está mais diretamente ligada às tradições formais do movimento e do espaço.

A maioria dos coreógrafos que trabalham em San Francisco pensam seus espetáculos como peças de teatro, capazes de transmitir uma mensagem ou provocar um comentário político. Em Nova York as danças são mais abstratas e formais.



A Joe Goode Performance Group, que vai se apresentar no 4.º Festival de Artes Cênicas

Público vai conhecer três peças da companhia

Especial para a Folha

Como as coreografias de Joe Goode utilizam um inglês muito coloquial, ele está preparando um programa que possa ser entendido pelo público brasileiro.

O programa que será apresentado em São Paulo incluirá "Disaster Series". "É uma coreografia que relaciona desastres naturais a desastres pessoais".

Outra peça do programa é "29 Effeminate Gestures". "É sobre os gestos considerados femininos e

impróprios para homens em diferentes culturas."

Completando, há "Convenience Boy". "Fala do culto do imediatismo, da dependência dos aparelhos eletrônicos, feitos para facilitar nossas vidas, mas que também trazem uma série de problemas".

Embora falem de temas sérios, as coreografias de Joe Goode não descartam o humor. "O riso cria um denominador comum entre as pessoas. É preciso saber rir de nós mesmos. Através do humor, conquista-se a atenção do público para

temas trágicos".

Goode nasceu em Hampton, Virgínia. Formado em teatro pela Virginia Commonwealth University, mudou-se para San Francisco quase 15 anos atrás.

Em Nova York, estudou dança com Merce Cunningham, Martha Graham e, por pouco tempo, integrou o grupo de Twyla Tharp.

Admirador da coreógrafa e compositora Meredith Monk e do diretor teatral Jerzy Grotowski, mais tarde desenvolveu o que chama de "human dances". (AFP)